

Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas*

Vera Chacham

Universidade Federal de Ouro Preto

Resumo

Este artigo procura abordar dois aspectos das narrativas de viagens acerca de cidades muçulmanas que ao longo do século XIX se encontram em processos de ocidentalização. De um lado, a maior parte das narrativas é conduzida pela idéia de um progresso trazido pelo Ocidente, e pela imagem deste nas inovações urbanas pelas quais passam as cidades do Cairo e de Alexandria. Em outras narrativas, contudo, pode-se perceber, sobretudo no que diz respeito a Alexan-

Abstract

This article focuses on the descriptions European travelers made about the transformations of the cities of Alexandria and Cairo in the second half of the 19th Century. The main objective is to analyze kinds of discourse that see differently the process of occidental influence. On the one hand there is a prideful consciousness of possession, which depict Oriental cities as replicas of European ones, renewed according to Haussmann's patterns. On the other hand, in a number of narratives, particularly about Alexandria, we can

Progress and impurity: how european travelers describe the occidentalizing process of muslim cities.

dria, o aparecimento, através de imagens de decadência e impureza, de uma decepção com os limites e falhas nos ideais de progresso ocidental.

feel a sense of the failures of European ideals of progress; this is made clear by means of images of decadence and impurity, which supposedly have been brought by Occidental practices and values.

Palavras-chave: Viajantes europeus, imperialismo, orientalismo, cidades muçulmanas.

Keywords: European travellers, imperialism, colonialism, orientalism, muslim cities.

Ao longo do século XIX, as paisagens urbanas orientais vão ganhando, na literatura de viagens, um aspecto não somente decadente, mas também “antigo”. Os viajantes da segunda metade do século XIX herdam dos românticos as imagens da paisagem oriental “autêntica” e, a partir de Nerval, a ênfase na paisagem urbana e popular. Isso ocorre com especial clareza no Cairo, cidade oriental porque muçulmana, ao nordeste da África.

Contudo, esse olhar estético e nostálgico parece ser minoritário em relação à massa de narrativas de viagens ao Oriente da segunda metade do século XIX. Em grande parte, as narrativas de viagens acerca das cidades orientais serão conduzidas tranqüilamente pela idéia de um progresso trazido pelo Ocidente, que se projeta em imagens de posse real ou simbólica do lugar. Aqui a idéia do velho Oriente, paralisado, imóvel, coloca-se em função da ocupação da cidade pelas formas urbanas da civilização européia, que fazem quase desaparecer, no texto e na cidade, o espaço genuinamente oriental. Este espaço, percebido como passado, não tem muito significado em um período em que triunfa a ideologia do progresso e ocorre o grande “boom” econômico e industrial do Ocidente. Esse é o caso da narrativa de Pierre Giffard, viajante que testemunha o fim da presença francesa no Egito após sua ocupação pelos britânicos em 1882. É também o caso de Antonin Thivel e George Ebers, mesmo que nestes últimos a paisagem urbana oriental possua certo interesse como fonte de conhecimento histórico e estético.

Se nessa primeira abordagem o Cairo e Alexandria tornam-se espelhos passivos da civilização, em textos de viajantes como Eça de Queirós, Victor Fournel, Arthur Rhoné e outros, trilha-se um caminho mais ambíguo no que diz respeito à natureza desse progresso, do qual, antes do Cairo, Alexandria aparece como um caso doente. Alexandria torna-se fundamental ao discurso de vários viajantes, porque é possível estabelecer, através dela, um parâmetro, um padrão do inautêntico, da cidade em certa medida já corrompida pelo Ocidente, pelos valores ocidentais. Alexandria é a ponte para se mostrar a autenticidade do Cairo, o seu caráter verdadeiramente oriental.

São vários os olhares ocidentais sobre o Oriente. Mas, no momento em que o espaço ocidental se insere em cidades como o Cairo e Alexandria, os significados adquiridos pelo espaço e tempo orientais podem dificultar uma harmoniosa incorporação do Oriente ao ideal de mundialização da história ocidental.

Progresso, possessão: um discurso sem ambigüidade

Um dos pontos mais interessantes nas narrativas de viagens do século XIX, que no fim do século vão se tornando pretensiosamente mais objetivas e desencantadas, é não somente a sua inabalável crença na superioridade irrestrita do ocidente – da França, no caso dos viajantes franceses –, mas a *franqueza*, a dureza e quase transparência do discurso imperialista. Em viajantes como Pierre Giffard a narrativa é conduzida pelas mais extremas proposições nacionalistas, pautada pelo embate violento com as outras potências e pela quase inexistência, como sujeito histórico, do lugar em disputa – o lugar da viagem. Essa falta de dúvidas e disfarces torna mais surpreendente a presença de certa preocupação com a autenticidade dos lugares visitados, que aparece mesmo em narrativas comprometidas explicitamente com um ideal imperial.

A naturalidade com a qual se apresentam textualmente a dominação e a influência ocidentais é um produto típico do século XIX – século da ciência, da história, do progresso, da nação. Antes mesmo que a ideologia racialista se impusesse, no fim do século, como uma das formas de justificação do colonialismo, a própria ideologia do progresso revelase suficiente para a legitimação do expansionismo europeu.

O ideal de progresso e o de sua expansão, eminentemente iluministas, adquirem um caráter determinista ao longo do século XIX. De um ideal algo impreciso e virtual o progresso transforma-se em uma certeza inabalável, e o progresso técnico e econômico, em sinônimo de civilização. E, ao passo que o tempo histórico é visto como linear e global, o “processo civilizatório” das nações não ocidentais é apenas o prosseguimento do progresso europeu. Nas narrativas de viagem esta idéia aparece nas imagens de continuidade espacial.

A idéia de necessidade desta continuidade espacial e temporal evolui com o imperialismo. Segundo Hentsh, a idéia de que as outras civilizações acabariam, de uma forma ou de outra, reunindo-se ao Ocidente estava provavelmente implícita em Hegel, mas não era sua principal preocupação¹. Ela é, contudo, explícita em Marx em suas observações sobre o papel da Inglaterra na cruel mas necessária modernização da Índia². É verdade que o marxismo não é o alimento teórico das narrativas de viagem do fim do século XIX; não há dúvida, contudo, de que ele se encontra dentro da perspectiva que situa a expansão e a possessão coloniais na linha de um desenvolvimento histórico positivo e determinado³.

Bem longe dali, a impossibilidade de os outros lugares – colônias, possíveis colônias – progredirem por si sós é tida como inata, racial.

¹ Cf. HENTSCH. *L'orient imaginaire...* p.205. Pomian, por sua vez, cita a ausência do Oriente na *Ideologia alemã*, que parece tornar a abordagem marxista mais unilinear e eurocêntrica do que a hegeliana. (cf. POMIAN. *L'ordre du temps*, p.139).

² O dilema marxista com relação à necessidade da expansão do capitalismo se apresenta como se segue: “Marx denounces an affront to ‘human feeling’ – the spectacle of Indian social life brutally disrupted [...] by Imperialism. But he quickly reminds his readers that ‘these idyllic village communities’ have always been the foundation of ‘Oriental despotism’. They have ‘restrained the human mind within the smallest possible compass, making it the unresisting tool of superstition, enslaving it beneath the traditional rules, depriving it of [...] historical energies...’”. Dessa forma, a Inglaterra é o agente da História: “its task is to ‘lay the material foundations of Western Society in Asia’”. (CLIFFORD, James. *Compte rendu d’Orientalism (1978) d’Edward Said. History and Theory*, v. XIX, 1980, p.217). Para a argumentação de Said sobre o mesmo tema ver: SAID, *Orientalismo...*, p.159-160.

³ A história não consiste para Marx, segundo Pomian, em uma trajetória que cada povo deve inevitavelmente percorrer. Contudo, convencido de que o modo de produção capitalista era superior aos “anteriores” e condição imprescindível à superação do “reino da necessidade”, Marx acreditava não apenas que a expansão daquele modo de produção iria ocorrer como deveria ocorrer, isto é: sua periodização da história da humanidade é válida para a humanidade inteira. Em que pesem certas análises históricas e localizadas dos diversos contextos e modos de produção, assim como a sua crítica do progresso burguês como fim, trata-se, como aponta Pomian, de um esquema comum às filosofias da história de sua época, isto é, da crença em uma história cumulativa “[...] qui doit aboutir à une auto-émancipation de l’humanité”. Sobre a inclusão e o distanciamento de Marx das filosofias da história ver: Pomian, *L’ordre du temps*, p. 138-142.

Desde Buffon, o julgamento de valor e a descrição pejorativa de outros povos já se encontravam sob a proteção de um discurso científico; desde Voltaire, a descontinuidade do gênero humano é explícita, sua origem sendo plural e não única; desde ambos, a civilização européia é a medida quer para a história natural do homem, quer para a história da sua cultura. O que ocorre de novo nas teorias racialistas do século XIX é não somente uma adesão ao poligenismo, de um lado, e uma classificação das raças (dos corpos) na linha de Buffon, de outro, mas uma visão mais determinista da raça na história humana.

Para Renan, por exemplo, havia uma incapacidade de progresso e civilização, isto é, uma natural imobilidade nas “raças inferiores”. A civilização era, assim, inata à raça branca, e seu domínio sobre as outras raças era, portanto, natural: “A conquista de um país de raça inferior por uma raça superior que nele se estabelece para governá-lo não possui nada de chocante”⁴. Para Renan as raças eram identificadas às classes, isto é, cada povo teria sua função na economia mundial, ou na harmonia universal. Por outro lado, dizendo respeito provavelmente a uma situação de conquista, seria possível para Renan a instituição de um projeto eugênico de melhora de certas raças (com a exceção das raças mais baixas, que seriam “exterminadas” devido ao seu próprio imobilismo).

Diferentemente de Renan, Arthur de Gobineau não possuía projeto imperialista algum: sua filosofia da história é pessimista demais para tal. Violentamente oposto à idéia do progresso contínuo, inclusive no que diz respeito à história da raça branca, Gobineau não tem dúvidas de que os bons tempos ficaram para trás, e de que um dos índices mais claros da decadência ocidental era o advento da democracia. Mas sua visão da história como decadência fundamenta-se sobretudo na idéia de que, estando a raça branca no topo da hierarquia, e detendo caráter altamente dinâmico e um domínio sobre as outras raças, a mistura de raças toma-se inevitável. Isto, no seu entender, leva todas as civilizações à degradação e ao declínio. Apesar disso, Gobineau podia manifestar admiração por “outras” raças, contanto que fossem “puras”.

Tais teses racialistas não são, aqui, nossa principal referência para compreender os pontos de vista dominantes nas narrativas de viagem. Contudo, a lembrança da sua existência nos auxilia no entendimento de certas contradições e ambigüidades contidas nos textos.

⁴ Esta e as traduções que se seguirão são da autora do artigo e estarão acompanhadas, em nota de pé de página, pela citação original em francês: “La conquête d’un pays de race inférieure par une race supérieure qui s’y établit pour le gouverner n’a rien de choquant”. Apud. TODOROV, *Nous et les autres...*, p.160.

Pois se a raça é, para vários viajantes como para seus contemporâneos, uma das formas de “explicar” a inferioridade (ou atraso) de um povo, ela é também, curiosamente, uma ponte para o passado, a visão de uma paisagem ancestral, imutável, e por isso autêntica – mesmo quando se trata de raças não brancas e civilizações não ocidentais. A raça se confunde com o “gênio da nação”, com origem, com autenticidade, com pureza. E torna-se um ingrediente importante da paisagem exótica. Em certos momentos, a admiração pelo gênio nacional e pela pureza da raça convive com o ideal de progresso. Porém, a descrição final torna, em geral, secundários os valores da “autenticidade”, em relação à necessidade da intervenção ocidental.

Com efeito, é possível notar certa preocupação com a autenticidade mesmo na narrativa de um viajante como Antonin Thivel, espécie de peregrino moderno que, em 1880, escreveu *L'Orient, tableau historique et poétique de l'Égypte*, tendo em vista sobretudo a Terra Santa.

É certo que a sua grande preocupação era com a permanência do islamismo, para o autor o principal obstáculo ao progresso do Oriente: “Para se desenvolverem, os povos possuem o dever de seguir o impulso do seu próprio gênio.” Portanto, se o Egito deseja viver e crescer; ele não pode “[...] permanecer durante muito mais tempo sob o jugo do islamismo: é preciso que ele se livre do domínio muçulmano”⁵.

O gênio próprio dos povos, tão caro a Herder, aos românticos e às ideologias nacionalistas que se desenvolvem ao longo do século, deve ser aqui o motor da transformação do Egito, condição do seu desenvolvimento e inserção na civilização. Contudo, o islamismo não faz parte desse gênio, ele é exterior à sua identidade; ele é próprio da dominação otomana. O fato de a religião muçulmana existir havia mais de um milênio no Egito nada significava. Para o autor, não restavam dúvidas de que a solução para o futuro do Egito era entrar, de cabeça erguida, “[...] na via da civilização européia e sobretudo francesa, que leva à prosperidade” (p.59).

A civilização européia tem nesse discurso uma característica neutra, universal, embora o orgulho da civilização francesa esteja presente antes mesmo das preocupações religiosas de Thivel.

⁵ “Pour atteindre leur développement les peuples ont le devoir de suivre l'impulsion de leur génie propre [...] l'Égypte veut vivre et grandir; elle ne peut donc demeurer plus longtemps sous le joug de l'islamisme: il lui faut secouer la domination ottomane”. THIVEL. *L'Orient, tableau historique et poétique de l'Égypte*, p.59. As páginas das demais citações dessa obra, quando não traduzidas, estarão indicadas no texto, entre parênteses.

Isso significa que todo discurso relativo ao possível gênio nacional e mesmo à religião desaparece diante da importância da influência francesa: “O gênio de Bonaparte atravessou as camadas profundas desses bárbaros modernos; os surpreendeu como uma aparição e sacudiu seu longo torpor ao lhes revelar a civilização francesa”⁶. Aqui fica mais nítido o discurso do choque de temporalidades, o dinamismo em face do torpor, a idéia do despertar do Oriente pelo Ocidente. Entretanto, o contraste do moderno – a civilização – e do antigo adquire tom inesperado quando o autor percorre as ruas do Cairo:

Atravessa-se os escombros escurecidos que jazem ali há séculos; penetra-se em ruelas sombrias, estreitas, desertas, silenciosas. Os habitantes mostram uma fisionomia em harmonia com a moldura do quadro; encontra-se nesses destroços da velha glória dos filhos de Maomé qualquer coisa de grave e altivo: as raças não são de forma alguma misturadas⁷.

O Cairo pelo qual caminha Thivel está repleto de ruínas seculares, de imagens de abandono e mesmo de morte. Mas esta paisagem está em harmonia com a fisionomia dos seus habitantes, uma imagem fiel às pinturas, à literatura, contínua no tempo, e que se reafirma na observação da pureza das raças. Thivel não deixa de notar o caráter *secular* dos escombros, mas a “estabilidade” temporal das imagens lhe é extremamente agradável – sobretudo como contraste com a cidade moderna: “A velha cidade guardou inteiramente sua originalidade, e é um *charme* passar de repente de uma cidade *hausmanizada* a um bairro oriental e todo arcaico”⁸.

⁶ “Le génie de Bonaparte vint traverser les couches profondes de ces barbares modernes; il les surprit comme une apparition et secoua leur longue torpeur en leur révélant la civilisation française.” Ibidem, p.75.

⁷ “On traverse les décombres noircis qui gisent là depuis des siècles; on pénètre dans des ruelles sombres, étroites, désertes, silencieuses. Les habitants montrent une physiologie en harmonie avec le cadre du tableau; on retrouve dans cette épave de la vieille gloire des fils de Mahomet quelque chose de fier et de grave: les races ne sont aucunement mélangées.” (p.75).

⁸ “La vieille ville a entièrement gardé son cachet original, et c’est un charme de passer tout à coup d’une ville hausmannisée à un quartier oriental et tout archaïque.” THIVEL. *L’Orient, tableau historique et poétique de l’Egypte*, p.80.

O fascínio pela cidade arcaica não é, contudo, puramente estético, porque se remete a certa idealização da ordem urbana medieval, na qual “[...] chaque industrie, chaque profession a son quartier”, “chaque race vit à part, occupée au travail propre à son génie, toujours le même depuis des siècles” (p.80). Assim convivem na mesma cidade a ordem moderna e uma espécie de ordem antiga, em todo caso algo que não é mais uma característica da cidade contemporânea ocidental. Trata-se de uma dupla valorização da ordem: de um lado, aquela que resulta da razão do progresso e, de outro, aquela característica das sociedades mais arcaicas ou mais aristocráticas. Essa valorização de uma ordem social medieval é própria de uma certa filosofia romântica da história, reacionária como a de De Maistre; mas, na cidade oriental, é perfeitamente possível equilibrá-la com uma visão otimista do progresso.

A proeminência dos valores da civilização ocidental é bem mais nítida em *Les Français en Égypte*, de Pierre Giffard. O autor, que procura narrar “o fim” da influência francesa no Egito, provocada pela invasão inglesa, faz um elogio daquela influência, que é “total” no que diz respeito à civilização, até a chegada dos ingleses. Trata-se, no seu entender, da substituição de uma possessão cultural, intelectual francesa, por uma possessão política inglesa⁹.

Desde a visão inicial Alexandria é avaliada como um prolongamento da Europa, não havendo nenhum sinal de autenticidade no “território”, ainda que haja certa decepção retórica com a paisagem: “Quando se chega em Alexandria, poderia-se acreditar que o comandante do navio se enganou de rota, e que conduziu os passageiros para a Holanda. Com efeito, ao longo de toda costa baixa e amarela [...], não se vê senão moinhos de vento, às centenas”¹⁰. Em várias narrativas de viagem podemos encontrar observações semelhantes: em se tratando do Oriente, quase sempre o viajante tem a sensação de que há algum equívoco, pois nada do que se vê corresponde ao *texto*.

⁹ Cf. GIFFARD. *Les Français en Égypte*. As páginas das demais citações dessa obra estarão, quando não estiverem traduzidas, indicadas no texto, entre parênteses.

¹⁰ “Lorsqu'on arrive devant Alexandrie, on pourrait croire que le commandant du paquebot s'est trompé de route, et qu'il a conduit ses passagers en Hollande. En effet, tout le long de la côte basse et jaune (...) on ne voit que moulins à vent, par centaines.” (p.56).

Contudo, não se trata aqui de uma verdadeira decepção, à la Nerval. Ao impacto inicial sucedem-se apaziguadores lugares-comuns da paisagem oriental: “O céu azul, quando está azul, e o farol branco do quebra-mar, e ainda a floresta de minaretes brancos, as cúpulas das mesquitas, as muralhas rosas e as gelosias verdes do palácio de Ras-el-Tin logo tranqüilizam o viajante”¹¹.

Entretanto, será a primeira impressão que vai predominar na narrativa, pois a todo momento será lembrada ao leitor a presença do Ocidente, principalmente por meio de exemplos da língua e da arquitetura, a ênfase da narrativa estando na visibilidade cotidiana da influência francesa. O viajante, após ser surpreendido já em sua chegada pela forte utilização da língua francesa, vê-se diante de uma cidade cosmopolita, “[...] plus européenne qu’orientale, et aussi française d’aspect qu’aucune ville d’Algérie” (p.58).

Novamente um dos grandes instrumentos da ocidentalização é a haussmanização: “Em todo lugar as grandes linhas, grandes buracos, casas copiadas de Paris, Marselha, Nice. Prejudicial para o clima, mas consequência inevitável da influência francesa sobre o o país”¹². Mesmo no momento de sua “destruição” pela ocupação inglesa, a prova dessa influência, da inscrição francesa, é inegável. A língua, a arquitetura, e em seguida a palavra que nomeia a arquitetura e a cidade fazem de Alexandria uma possessão cultural: possessão do lugar pela palavra, pela narrativa da semelhança. Em toda essa argumentação há menos problemas em disputar o território com o Egito do que com a Inglaterra. Trata-se do desaparecimento do lugar da viagem, da alteridade.

A chegada ao Cairo não difere muito da primeira visão de Alexandria. Chegando no trem da noite, “[...] à l’heure où les minarets des mosquées disparaissent dans la nuit [...]”, novamente é como se chégássemos à Europa, mais precisamente a Marselha: são as mesmas ruas espaçosas, as mesmas casas de cinco andares, as mesmas lâmpadas a gás “[...] scintillant dans l’infini, tachant de vingt mille points lumineux la cité merveilleuse” (p.62).

¹¹ “Le ciel bleu, quand il est bleu, et le phare blanc du brise-lames, puis la forêt de minarets blancs, les coupôles des mosquées, les murailles roses et les moucharabis vers des palais de Ras-el-Tin rassurent bientôt le voyageur.” (p.57).

¹² “Partout les grandes lignes, les grandes trouées, les maisons copiées sur Paris, sur Marseille, sur Nice. Mauvaise pour le climat, mais conséquence inévitable de l’influence française dans le pays.” GIFFARD. *Les Français en Égypte*, p.59.

Essa narrativa pautada na semelhança, quase especular, entre o Cairo e Marselha, prossegue, novamente, na onipresença da língua francesa: “[...] les omnibus des hôtels avec leurs inscriptions *en français*, les guides, les commissionnaires faisant leurs offres *en français*, *déroutent le voyageur*” (p.62). Esse desnorreamento está longe de ser negativo e faz o viajante sentir-se em casa, quando, na carruagem em grande velocidade, ele percorre os novos bairros, “[...] que os arquitetos franceses construíram há vinte anos ‘à moda de Paris’” (p.63). Ali encontram-se lojas sob arcadas que lembram a rue de Rivoli assim como “la rue Bab-Azoun d’Alger”, e resplandessem e sussuram cafés “[...] nos quais se comanda em francês e em árabe” (p.63).

É verdade que toda essa civilização é uma cópia e como tal não tem um grande mérito. Se o viajante decide ir em plena luz do dia ao jardin de l’Esbekieh, ele encontrará uma sucessão de imitações: da “[...] pièce d’eau imitée du bois de Boulogne [...]”, ao “[...] kiosque à musique renouvelé du concert Besslièvre, et le petits bateaux copiés sur ceux du lac St-Fargeau [...]”, o restaurante à francesa, com jantares *à la carte*, pequenos bosques [...] garçons e sommeliers franceses, ou que se consideram como tal”¹³. Assim como é ridículo o “querer ser” francês – comentário recorrente de viajantes no Oriente e no Brasil –, a cópia possui seu lado ridículo. Mas se há um mínimo de ironia no que se refere à imitação, ela se perde em meio ao prazer de se crer em uma das verdadeiras possessões francesas na África.

Por outro lado, mesmo que *os apaixonados em excesso pela cor local* possam se perguntar com razão se a haussmanização não foi longe demais¹⁴, trata-se, acima de tudo, segundo sugere o autor, da intervenção da civilização no que antes era poeira e pântano.

Não cabe aqui a nomeação de todas as realizações francesas, das quais Giffard procura dar conta, mas o signo do progresso está em todas elas. A inscrição da influência francesa na cidade – “[...] les enseignes sont en français et en italien. On voit à peine sur les murs un document imprimé en anglais” – é, portanto, pacífica e merecida, ao contrário do que parece ocorrer com os ingleses: “A força das coisas mudara isso, provavelmente, após a real conquista que fizeram os Ingleses,

¹³ “[...] le restaurant à la française, imité de celui de la Cascade, avec dîners à la carte, bosquets, tonnelles, garçons et sommeliers français, ou censés tels.” (p.66).

¹⁴ “Les amoureux de la couleur locale à outrance peuvent même se demander avec raison si l’haussmanisation n’est pas poussée trop loin.” (p.67).

mas levará tempo para apagar os traços da nossa indefinível influência nos mil detalhes da vida cotidiana”¹⁵. Na narrativa de Giffard o Cairo não é disputado com o egípcio, mas com o inglês. Trata-se de uma grande perda, com a qual o autor não se conforma, avaliando a fraqueza da França em termos imperiais.

Uma perda tanto maior quando se tem em mente não somente as realizações urbanísticas, mas também o que os franceses escreveram sobre a cidade, “[...] avec l’*autorité* que leur donnait un grand nom! Il faut lire Lamartine, Chateaubriand, Gérard de Nerval, madame de Gasparin, Maxime du Camp, Vivien de St-Martin, et tant d’autres” (p.74). A citação dos escritores também é uma forma de possessão: eles haviam se tornado uma parte do passado, da tradição, é deles a imagem do Oriente, e, como diria Said, o Egito passa a existir sob sua pluma. Não apenas o novo mas o “antigo” Cairo também é francês, nesse sentido: Nerval ajuda nessa possessão, imaginária, que produz uma referência literária e histórica. A possessão pela palavra, pela arquitetura, pela pintura, no passado e no presente, pela tradição e pelo progresso: “Nas obras desses autores franceses, tão apaixonados pela terra egípcia, encontraremos as descrições minuciosas dessa grande cidade do Cairo, estranha reunião do Oriente, que recua sem cessar, e da civilização francesa, que avança sempre”¹⁶.

Contudo, essa mesma inscrição da literatura francesa na cidade e vice-versa não é apenas a reafirmação do contraste entre a civilização européia, ou francesa, que avança sempre, e o Oriente, que recua sem parar; pode ser também o registro do que se perde nessa transformação, à medida que a literatura e a pintura orientalistas fornecem os cânones da paisagem oriental.

Assim, perante um discurso que institui a continuidade do tempo e do espaço com a Europa, como um prolongamento do progresso pela conquista, várias narrativas da cidade de Alexandria já surgem como um ruído nos discursos da colonização: ali a presença européia será índice de decadência.

¹⁵ “La force des choses changera cela, probablement, à la suite de la réelle conquête qu’on faite les Anglais, mais il faudra du temps pour effacer les traces de notre indéfinissable influence dans les mille détails de la vie quotidienne.” (p.69).

¹⁶ “Dans les ouvrages de ces auteurs français, si amoureux de la terre égyptienne, on retrouvera les descriptions minutieuses de cette grande ville du Caire, étrange assemblage de l’Orient, qui recule sans cesse, et de la civilisation française, qui avance toujours [...]” (p.74).

Cidade bastarda: Oriente vulgar

*Alexandrie, grande ville, avec la place de Consuls, bâtarde, mi-arabe, mi-européenne*¹⁷.

A cidade, de onde quer que se fale, é o lugar do comércio e, sobretudo, da presença estrangeira no Egito: Alexandria é a “cidade cosmopolita”, no sentido – estrito – em que coexistem, em um mesmo espaço, populações de línguas, culturas e religiões diferentes. Juntamente com a intensa atividade comercial, é este o traço que domina a cidade do ponto de vista do viajante da segunda metade do século XIX:

*Alexandria, antes próspera, depois completamente arruinada, e que contava dificilmente seis mil almas há sessenta anos atrás, possui hoje em dia, diz-se, mais de três mil, e os Europeus figuram com um terço desta soma respeitável. Os espíritos empreendedores e também os aventureiros da nossa pátria para lá afluem aos milhares. Alguns fizeram grandes fortunas*¹⁸.

Decadente economicamente à época da viagem de Volney, Alexandria torna-se, ao longo da segunda metade do século XIX, o centro do comércio internacional do Egito e o maior porto do Mediterrâneo. Com 8.000 habitantes na ocasião da expedição de Napoleão, Alexandria alcança, após a abertura do canal Mahmúdia e, principalmente, após o tratado com Londres, que obrigava a abertura do Egito ao livre comércio, 100.000 habitantes. No fim do século a cidade possui 319.000 e em 1927 alcança 600.000 habitantes, o que já nos mostra que Alexandria não é a mesma de cem anos antes. A composição da população foi profundamente modificada por essa transformação. Embora, contrariamente à lenda, a cidade não contasse com mais que 19% de estrangeiros, é notável a importância social das diferentes minorias religiosas,

¹⁷ FLAUBERT. *Voyages*.

¹⁸ “Alexandrie, jadis florissante, puis absolument ruinée, et qui comptait à peine six mille âmes il y a soixante ans, en a, dit-on, plus de trois cents mille aujourd’hui, et les Européens figurent pour un tiers dans ce respectable total. Les esprits entreprenants et aussi les aventuriers de notre patrie y affluent par milliers. Quelques-uns y ont réalisé de vastes fortunes”. FOURNEL, Victor. *D’Alexandrie au Caire*, p.20. O texto original é de 1883.

de origem judaica ou cristã, também em crescimento numérico. Pode-se dizer, em termos gerais, que a cidade de Alexandria, em grande maioria muçulmana e “nativa” até 1840, tornou-se, a partir dos anos 1850, fortemente cristianizada e mais otomana do que egípcia. Os estrangeiros propriamente ditos eram italianos, ingleses e franceses em sua maioria, e, mesmo entre estes, um terço era de origem local ou otomana¹⁹.

Esse caráter compósito e contraditório da cidade não será visto de uma só forma. Tal caráter cosmopolita e comercial, sinal para uns – talvez a maior parte dos viajantes – simplesmente do progresso e da penetração ocidental, liga-se de certa forma, para outros viajantes, a uma imagem de decadência, já existente com relação à antiga cidade. Agora não mais uma decadência econômica, política, “histórica”, mas estética e moral. Se Alexandria, na narrativa de Giffard, não se encontra em descontinuidade com o Cairo (já que ambas as cidades são tidas como parte de um projeto colonial amplo), nas narrativas de outros viajantes ela será seu contraponto, porque menos árabe e mais inautêntica. Na ausência de Constantinopla, e em decorrência *natural* da viagem, Alexandria representa um Oriente já ocidentalizado, semi-ocidentalizado, espécie de Sodoma na qual fica nítida a face mais obscura da ocidentalização.

Nos textos de vários viajantes encontramos, assim, com relação a Alexandria, algumas imagens recorrentes, como a de “fisionomia vulgar”. Vulgar, antes de tudo, porque comum, banal, ligada à ausência de cor local, em tudo semelhante à Europa. Mas vulgar, também, devido à presença de estrangeiros e do comércio, que em grande parte são relacionados ora com o colonialismo, ora com a destruição de valores não apenas estéticos.

Procurarei mostrar aqui, por meio de imagens contidas nas narrativas de autores diversos – e nesse sentido o texto possui mais uma ordem “temática” que autoral –, a continuidade e a descontinuidade da imagem de decadência. Alexandria já possuía uma imagem de decadência, devido à perda de importância histórica e quase inexistência de vestígios de grandeza.

¹⁹ Assim sendo, o termo cosmopolita não se aplicaria à Alexandria caso tivéssemos em mente Nova Iorque, porque se trata, efetivamente, de um crescimento ligado ao seu enraizamento no Império Otomano e ao Mediterrâneo colonial. Não se trata, tampouco, de uma cidade colonial como Alger, embora totalmente inscrita nas regras do jogo imperialista, da produção e exportação de matérias-primas como o algodão, importação do produto acabado e dependência financeira dos países europeus. A Praça dos Consuls, cercada de residências de ricos comerciantes e banqueiros, reflete a importância da potências estrangeiras em Alexandria. Sobre Alexandria nos séculos XIX e XX, ver: ILBERT. *Alexandrie, cosmopolite?*

Mas essa imagem é renovada pela ausência de cor local e excessiva presença do Ocidente: será essa mistura Oriente-Ocidente que fará a nova decadência. Uma decadência em pleno progresso.

É verdade que, à medida que a referência histórica da cidade é imensa, a chegada a Alexandria, desde a época de Volney, implica sempre desilusão, ou seja: quem chega à cidade *não vê* mais do que vê. É assim que Alexandria praticamente mal entra na composição de Nerval: “O Egito é uma enorme sepultura; é a impressão que me causou ao atracar nessa praia de Alexandria, que, com suas ruínas e montículos, oferece aos olhos sepulturas espalhadas por uma terra de cinzas”²⁰. Após um passeio turístico que toma do autor bem menos que uma página – e que inclui desde ruínas da época romana, como a coluna de Pompeu e os banhos de Cleópatra, até o Mahmoudieh e por fim uma “[...] grande place européenne formée par les palais des consuls et par les maisons des banquiers” (p.144), Nerval conclui que ele teria preferido as lembranças da Antigüidade grega; mas tudo isso está destruído, demolido, irreconhecível, conclui. As imagens da decadência histórica estarão, de uma forma ou outra, sempre presentes nas narrativas de viagem. Mas o que pesará, nas narrativas ao longo do século, será a ausência do “Oriente” em Alexandria, isto é, da cor local.

A primeira imagem da cidade descrita pelo jornalista Victor Fournel, que viaja ao Egito no fim da década de 1870, também aponta para a pobreza de signos do Oriente (no que aliás não difere nem mesmo de Giffard): “A costa do Egito se apresenta sob o aspecto de uma longa faixa de areia que dificilmente ultrapassa a superfície das ondas. Pouco a pouco o décor se desenha sobre um fundo laranja e púrpura, no mais quente nascer do Sol que seja possível ver”²¹. O fundo laranja e púrpura da paisagem e o tórrido nascer do Sol fazem parte do imaginário sobre o Oriente, mas não são o suficiente

²⁰ “L’Egypte est un vaste tombeau; c’est l’impression qu’elle m’a faite en abordant sur cette plage d’Alexandrie, qui, avec ses ruines et ses monticules, offre aux yeux des tombeaux épars sur une terre de cendres.” NERVAL. *Voyage en Orient*, p.144.

²¹ “La côte d’Egypte se présente sous l’aspect d’une longue bande de sable qui dépasse à peine la surface des flots. Peu à peu le décor se dessine sur un fond orange et pourpre, dans le plus chaud lever de soleil qu’il soit possible de voir.” FOURNEL. *D’Alexandrie au Caire*, p.16.

(tais imagens poderiam dizer respeito a outras paisagens tropicais): “Em suma, com exceção de algumas palmeiras, este espetáculo não possui nada de muito oriental, e há uma falta absoluta de minaretes à paisagem”²².

A imagem do Oriente aparece mais freqüentemente em sua face negativa. O primeiro contato concreto do viajante com os homens dali pode remeter-se a uma vasta tradição da narrativa de viagens ao Oriente: “Em um piscar de olhos a ponte é invadida. Cada passageiro, cada bagagem é tomada por quarenta mãos de uma vez. É um sabá de gritos, de disputas, de urros [...]”²³. Quase um século após a viagem de Volney, os *topoi* da chegada ao Oriente são semelhantes: o incômodo provocado pela língua estranha, ou pela forma como é utilizada – um “sabbat de cris” – está presente em quase todos os viajantes que chegam ao Oriente, assim como a imagem do turbilhão – de barcos, de gente ou de emoções – está em Fournel como em Volney²⁴.

Contudo, a continuidade oriental é, em certa medida, aparente: a variedade de formas e cores (que vai dos barcos e costumes aos homens), que era para Volney mera aparência, para boa parte dos viajantes do século XIX possui significado sociológico e estético. Além disso, a percepção de Volney dava-se mais no sentido da diferença entre Oriente e Ocidente do que no da diversidade oriental, tão fundamental na descrição da paisagem de Alexandria do século XIX.

É verdade, também, que a narrativa do desembarque fora sempre a de um conflito: entre a imagem literária do Oriente e a paisagem presente, concreta, entre o viajante e esta nova imagem ou mesmo do viajante com a antiga imagem, como é o caso de Volney. Contudo, agora é maior e mais palpável a violência do choque entre o viajante e a civilização com a qual entra em contato, assim como daquela civilização consigo mesma, porque agora é maior a competição entre os homens, mais intenso o comércio, mais expressiva a pobreza. Por isso, a imagem da chegada é de verdadeira luta entre o viajante e os homens que o disputam:

²² “Somme toute, sauf quelques palmiers, ce spectacle n’a rien de très orientai, et le paysage manque absolument de minarets.” Ibidem, p.16

²³ “En un clin d’oeil le pont est envahi. Chaque passager, chaque bagage est saisi par quarante mains à la fois. C’est un sabbat de cris, de disputes, de hurlements [...]” (p.18).

²⁴ Cf. VOLNEY. *Oeuvres complètes*, p.3.

Eu fui puxado em sentido contrário por dois jovens barqueiros que tinham jurado não largar sua presa, e que se insultavam com gritos selvagens e gestos furiosos rasgando meu paletó. Em vão eu tentei me desembaraçar sem violência; de nada adiantou, e foi necessário utilizar o argumento oriental por excelência: golpes com o punho e golpes com o pé. Ai eles se afastaram chorando, arrancando os cabelos e se lamentando como desesperados, mas sem tirar os olhos de mim, e já prontos a se atirarem novamente sobre mim ao menor movimento ²⁵.

O desembarque é inequivocamente oriental, porém por meio de um aspecto negativo: o comportamento bárbaro, à medida que o argumento oriental por excelência é a força. Mas, agora, esse comportamento se revela mais selvagem, porque é acirrado pela competição econômica — em sua face miserável.

Aqui ocorre uma transformação sutil da imagem decadente do Oriente. Arthur de Gobineau (que aqui é tomado como viajante e não teórico) já percebia claramente as imagens dessa nova decadência, retomando, de forma mais leve e irônica do que Nerval, as imagens da pobreza monumental, antiga e nova, de Alexandria: “Alexandria não é um lugar abençoado pelos céus. Muito poucas antiguidades. Muito poucas casas e mesquitas interessantes. As ruas habitadas pelos autóctones são muito simplesmente miseráveis”²⁶.

A nova Alexandria, em ausência da antiga, chega a interessar o autor mesmo em seu notório mau gosto dos ricos estrangeiros (“[...] essas construções enormes, estupidamente e pretensiosamente caiadas em amarelo, que são denominadas na Ásia casas européias,

²⁵ “J’étais tiré en sens contraire par deux jeunes bateliers qui avaient juré de ne point lâcher leur proie, et qui s’injuriaient avec des clameurs sauvages et des gestes furieux en déchirant mon paletot. En vain j’essayai de m’en débarrasser par la douceur; rien n’y fit, il fallut en venir à l’argument oriental par excellence: aux coups de poing et aux coups de pied. Alors ils s’écartèrent en pleurant, en s’arrachant les cheveux et en se lamentant comme des désespérés, mais sans me lâcher des yeux, et tout prêts à fondre sur moi derechef au moindre mouvement.” FOURNEL. *D’Alexandrie au Caire*, p.18.

²⁶ “Alexandrie n’est pas un coin béni du ciel. Il y a trop peu d’antiquités. Il y a trop peu de maisons et de mosquées intéressantes. Les rues habitées par les indigènes sont trop simplement misérables.” GOBINEAU. *Trois ans en Asie* (1855-1858), p.23.

ali repousam em grande número²⁷) e na sua pobreza simplesmente miserável, isto é, sem autenticidade ou cor local, para além do índice de decadência moral que são os bordéis dos portos²⁸. O interesse de Gobineau repousa na visão contrastante entre a mediocridade da “modernidade” e a simplicidade genuína das imagens involuntárias do Oriente, como na descrição da famosa Place des Consuls, que não consiste:

*[...] de outra coisa senão do alinhamento imoderado dessas construções amarelas das quai acabei de falar. Mas o que nós vemos passar a cada instante e durante ao longo de todo o dia, aí está o que merece elogios. Longas filas de camelos (os primeiros camelos, como há pouco as primeiras palmeiras!) se cruzam incessantemente [...]*²⁹

O que resta de oriental em Alexandria são as palmeiras e os camelos, aspectos naturais da paisagem, índice de que, culturalmente, o Oriente vai se ocidentalizando, se vulgarizando.

Em contraste com a antiga cidade, Alexandria apresenta para Fournel, como para Gobineau, uma *fisionomia vulgar*³⁰. Não somente ela não conserva os vestígios do passado, como o domínio da atividade comercial e a presença europeia são um empecilho para a cor local: vulgaridade aqui é trivialidade, falta da cor local. Mais do que o comércio, característica histórica das cidades orientais, é a presença europeia,

²⁷ “[...] ces bâtisses énormes, sottement et prétentieusement badigeonnées en jaune, que l’on appelle en Asie des maisons européennes [...], s’y prélassent en trop grand nombre”.

²⁸ “Ces sortes de maisons sont dans le monde des pierres et du mortier les pendants exacts de ce que sont dans le monde des hommes des légions d’être humains qu’il n’est pas besoin de décrire. Puis il y a ces auberges, ou si l’on veut ces hôtels, coupe-gorge qui ne le cèdent peut-être qu’aux établissements du même genre dénoncés par les voyageurs revenus de l’isthme de Panama. Malgré ces inconvénients, qui sont pourtant graves, Alexandrie n’est pas à mépriser.” (Ibidem, p.23). É curiosa a referência ao Istmo do Panamá, empreitada seguinte de Lesseps após Suez.

²⁹ “De la place en elle-même, j’en fais aussi bon marché que possible, car son majestueux quadrilatère ne provient pas d’autre chose que de l’alignement immodéré de ces bâtisses jaunes dont je viens de parler. Mais ce qu’on y voit passer à chaque instant et tout le long du jour, c’est là ce qui mérite des éloges. De longues files de chameaux (le premiers chameaux, comme c’étaient tout à l’heure les premiers palmiers !) se croisent incessamment [...]” GOBINEAU, loc.cit.

³⁰ “Autant que j’en ai pu juger par une première promenade à travers les rues, Alexandrie est une ville dont la beauté ne vaut point la gloire. Mais, en dépit d’une si grande histoire, elle a gardé une physionomie vulgaire.” (FOURNEL. *D’Alexandrie au Caire*, p.19).

ou o comércio internacional, que torna tudo semelhante à Europa e impossibilita a existência e a percepção do modo de vida oriental³¹. O fato é que as civilizações européia e árabe vivem lado a lado, mas com domínio da primeira, já que a chamada “colônia européia” é extremamente influente, apesar de minoritária. Por isso, da simples “falta do Oriente” que torna a passagem trivial, os viajantes, todos, sempre passam à excessiva presença do Ocidente. Daí a imagem de cidade “bastarda”, resultado de um encontro infeliz entre Oriente e Ocidente.

Essa imagem da cidade se liga à presença, antes de tudo, do elemento europeu desnacionalizado, desenraizado, ou ao oriental europeizado, e que não é específico a Alexandria, mas de todo o Oriente. Na narrativa de Gobineau a colônia européia aparece no início de sua viagem, ainda em Malta, onde os europeus equivalem para o autor ao pitoresco oriental em suas cores e variedade: “Eu não sei muito sobre o que valiam suas diversas mercadorias; mas não acredito que elas possam valer o preço de suas figuras”³². A variedade fascina até certo ponto: “Narizes achatados, lábios finos, narizes curvos, lábios grossos como os do polichinelo napolitano, vozes de todo o diapasão, tamanhos e roupas de todas as envergaduras e de todos os cantos do globo”³³; mas é “infeliz” a semelhança que ele vê nesses negociantes:

Eles tinham o olho igualmente tacanho e uma tendência comum de se ornar de chapéus que, em todos países, beiram o cômico: bonés gregos puidos, casquetes destinados a cair para trás, e outros tipos de chapéus, Deus sabe em qual estado. Era uma primeira revelação de que se denomina na Ásia a colônia euro-

³¹ Como Giffard, Fournel aponta os signos da presença européia, mas, diferentemente, não se ocupa do reforço da imagem de apropriação, caminhando para uma idéia de convivência – pitoresca – entre civilizações.

³² “Je ne sais trop ce que pouvaient valoir leur diverses marchandises; mais qu’elles aient eu le prix de leur figures, je ne le croirais jamais.” GOBINEAU. *Trois ans en Asie*, p.20.

³³ “Des nez pincés, des lèvres minces, des nez busqués, des lèvres épaisses comme celles du polichinelle napolitain, des voix de tous les diapasons, des tailles et des toilettes de toutes les envergures et de tous les quartiers du globe.” *Ibidem*, p.20.

*péia, e nós estávamos em Malta, que é um dos pontos principais de exploração dessa variedade do gênero homo*³⁴.

Embora Gobineau ressalte os olhos tacanhos dessa “espécie” de homens, (dificilmente resultantes de uma descrição objetiva), ele não vai muito longe na avaliação do caráter e no julgamento dessa população³⁵. Em outros viajantes encontraremos “críticas” muito mais ferozes e claras da colônia européia.

Apenas para um contraste com Gobineau, vejamos o que escreve George Ebers, viajante inglês que tem sua narrativa de viagem traduzida por Máspero. A presença da “colônia” é vista por Ebers como uma continuidade, em certo sentido, entre a Alexandria antiga e a nova, cidade sempre caracterizada pelo cosmopolitismo, sobretudo religioso. Contudo, os fundamentos dessa multiplicidade seriam radicalmente diferentes:

*Vemos que povos de toda fé encontraram uma pátria em Alexandria; eles ali se acotovelam e se movem em liberdade, no domínio da vida material como no domínio da vida religiosa, e a vida material desviou em seu benefício, infelizmente, parte das energias da colônia européia e da população local*³⁶.

A nova Alexandria não possui, da antiga, a nobreza da cultura mas, de certa forma, prossegue no culto ao dinheiro, que no caso atual seria agravado pela forma de enriquecimento da maioria dos comerciantes estabelecidos na cidade, que procurariam “[...] reunir rapidamente essas enormes fortunas muito mais freqüentemente por

³⁴ “Ils avaient l’œil également taquin et une tendance commune à se parer de coiffures qui, en tous pays, décèlent le drôle: bonnets grecs effilochés, casquettes affectant de tomber en arrière, et chapeaux, Dieu sait dans quel état. C’était une première révélation de ce qu’on appelle en Asie la colonie européenne, et nous étions à Malte, qui est un des points principaux d’exploration de cette variété du genre homo.” Ibidem, p.20.

³⁵ Gobineau é bem menos apressado em suas avaliações em tudo o que diz respeito ao Oriente do que no que diz respeito ao Brasil.

³⁶ “On le voit, les peuples de toute foi ont trouvé une patrie dans Alexandrie; ils s’y coudoient et s’y meuvent en liberté, dans le domaine de la vie matérielle comme dans le domaine de la vie religieuse, et la vie matérielle a malheureusement détourné à son profit la meilleure part des énergies de la colonie européenne et de la population indigène”. EBERS. *L’Egypte*. Alexandrie et le Caire, 1883 (p.55).

um feliz golpe de especulação arriscada do que pelo trabalho calmo e paciente”³⁷. Essa imagem talvez seja a mais recorrente no que diz respeito à cidade, mesmo que o autor aponte exceções. Trata-se novamente de vulgaridade, mas moral. Uma imagem que se colará à pele da cidade, junto à do seu “cosmopolitismo”.

Também para Eça de Queirós, mas de forma mais generalizada do que para que Ebers, Alexandria é uma cidade “baixamente mercantil”. Não apenas a cidade é descaracterizada, europeizada, colonizada, como o seria da pior forma: “As colônias que a habitam, gregos, italianos, marseheses, estão ali *de passagem*: oprimem, sugam, engordam [...]”³⁸. Assim, a imagem de Alexandria é acompanhada pela transformação na imagem dos europeus que nela habitam, em um processo de interiorização da paisagem e da transformação dos homens em elementos da paisagem que será recorrente nas narrativas dos viajantes:

*O movimento é todo comercial, rápido, precipitado... O interesse, aspereza do ganho, o estado de colonos espoliadores, dão um aspecto de brutalidade e de avidez àquela população; aqui o Grego perde o seu perfil correto, agradável e penetrante, o Marselhês já não tem a sua fisionomia quente, expressiva, sutil, aventureira, nem o italiano os seus traços voluptuosos e cheios. Têm todos feições combativas e aguçadas de exploradores ávidos*³⁹.

Em suma, haveria uma homogeneização das nacionalidades pelo colonialismo. Eça procura mostrar que o indivíduo de cada etnia perde sua característica singular, sua originalidade quando inserido naquele espaço. A imagem de exploração está, assim, ligada à presença ocidental em Alexandria, o que não sugere, necessariamente, uma crítica ampla ao colonialismo: é uma crítica às suas “formas”, aos homens que, no “andar de baixo”, exercem atividades ligadas ao comércio colonial. Profunda ou não, há uma crítica recorrente em relação à presença européia, responsável pela descaracterização da paisagem urbana e humana.

³⁷ “Car ils cherchent à ramasser rapidement par un heureux coup de spéculation hasardeuse, ces grosses fortunes, but de leurs efforts, beaucoup plus souvent qu’à s’enrichir par un travail calme et patient.” Ibidem. p.56.

³⁸ QUEIRÓS, E. de. *O Egito*, p.694.

³⁹ Ibidem, p.695.

Tal ausência de originalidade e de pureza nas formas urbanas e humanas – sua homogeneização, falta de autenticidade – encontra seu oposto no que resta da Alexandria árabe. A autenticidade (oposta à vulgaridade), no Oriente, é somente possível no bairro árabe, que é também o bairro mais pobre, como lembra Ebers: “O Árabe é relegado aos bairros mais distantes e mais pobres de Alexandria, e os cemitérios nos quais eles deixam repousar seus mortos são quais mais numerosos que os bairros que onde ele vive”⁴⁰.

Se é verdade que o exotismo no século XIX caminha no sentido de esteticizar o outro sobretudo em sua pobreza – porque em grande parte das vezes a sobrevivência de uma diferença cultural se encontra ali –, não há, por outro lado, empecilho para que seja discutida a questão da falta de civilização (pobreza, falta de higiene); mas, muitas vezes, institui-se uma contradição entre autenticidade e civilização.

Nesse sentido, é novamente interessante citar Eça de Queirós, para quem as ruas do bairro árabe da cidade só reafirmarão a “primeira” impressão de pobreza e sujeira: “É uma rede de ruas estreitas, infectas, obstruídas de lama, de construções irregulares, desmoronadas, caducas, feitas de todos os materiais, desde o mármore até o barro, com todos os aspectos [...]”⁴¹. A descrição das ruas infectas e estreitas é dosada pela cor local (que encontraremos desabrochada na descrição do autor sobre o Cairo):

“[...] um imprevisto extremo de linhas e de arquiteturas, e cheias de uma multidão ruidosa de turbantes, de turbuches, de gorros gregos, de barretes albaneses, de albornozes, de mulheres envoltas nas suas túnicas brancas, de burros carregados, trotando miudamente”⁴².

Toda essa variedade e esse imprevisto encontraremos no Cairo, mas a ambigüidade é maior em Alexandria: “E aquilo é confuso, pitoresco, estranho e miserável”⁴³.

⁴⁰ “L’Arabe est relégué dans les quartiers les plus éloignés et les plus pauvres d’Alexandrie, et les cimetières dans lesquels reposent ses morts sont presque plus nombreux que les quartiers qu’il habite.” EBERS. *L’Égypte*. Alexandrie et le Caire, 1883 (p.56).

⁴¹ QUEIRÓS, E. de. *O Egito*, p.694.

⁴² *Ibidem*, p.694.

⁴³ *Ibidem*, p.694.

A presença do pitoresco será maior em Fournel, menos sintético nas imagens e idéias, e mais descritivo, dando uma importância maior ao autêntico do que à contradição entre a cor local e a pobreza: “É no bairro árabe que devemos flunar ao acaso, se desejamos nos saciar de cor local. O bazar é pobre, é sujo, e fede; mais ali formiga uma população pura de toda mistura”⁴⁴. Não apenas a paisagem é autêntica, mas, se o bazar do bairro é pobre, sujo e velho, ali circula uma população pura de toda mistura. É importante destacar a idéia de pureza, racial e cultural, dessa população, em contraste com a mistura, mesmo que não racial, da Alexandria comercial e cosmopolita – bastarda e vulgar. Pureza racial e cultural andam juntas em vários relatos.

O autêntico Oriente, o Oriente original, no qual a moldura da cidade reflete e combina com seus homens, ambos conservando o passado, corresponde a uma ideal de pureza que se pode encontrar nos costumes, nas fisionomias, nas ruas, nas raças. Nesse sentido, Alexandria representa o que é oposto à pureza: a corrupção, a indistinção. A civilização, no caso, é impura, enquanto o Oriente seria incivilizado, mas autêntico.

Nesse sentido, a conclusão recorrente entre os viajantes é de que o verdadeiro Oriente não pode ser encontrado em Alexandria, mas no Cairo: “Para aprender a conhecer a vida do Oriente, não se pode assim contar com essa metrópole do comércio internacional; não há o que fazer senão fechar rapidamente sua mala, e partir para o sul, para a bela cidade dos califas”⁴⁵. Pois se em Alexandria, por acaso, “[...] chegamos a nos crer realmente no Oriente, o que vemos alguns passos adiante nos devolve instantaneamente à Europa”⁴⁶.

Por isso, o Cairo aparece nas narrativas desses viajantes como uma miragem do velho Oriente, e quase não se toca nas reformulações urbanas pelas quais passou Alexandria, como se no seu caso pouca diferença fizesse. A imagem de decadência “moderna” é tão presente em Alexandria que torna frágeis as imagens do progresso.

⁴⁴ “C’est dans le quartier arabe qu’il faut flâner au hasard, si l’on veut se rassasier de couleur locale. Le bazar est pauvre, il est sale, il pue; mais là grouille une population pure de tout mélange [...]”. FOURNEL. *D’Alexandrie au Caire*, p.30-31.

⁴⁵ “Pour apprendre à connaître la vie de l’Orient, il ne faut donc pas compter sur cette métropole du commerce international; on n’a qu’à boucler vite sa valise, et s’en aller au sud, dans la belle ville des califes.” EBERS. *L’Egypte*. Alexandria et le Caire, p.56.

⁴⁶ “[...]on arrive à se croire réellement en Orient, ce qu’on voit quelques pas plus loin vous rejette aussitôt en Europe.” Ibidem, p.57.

Referências bibliográficas

- CLIFFORD, J. Compte rendu d' *Orientalism* (1978) d'Edward Said. *History and Theory*, v.XIX, 1980.
- EBERS, G. *L'Égypte*. Alexandrie et le Caire. Traduction de Gaston Maspero. 2.ed. Paris: Firmin-Didot et Cie., 1883.
- FLAUBERT, G. *Voyages*. Paris: Société les Belles Lettres, 1948. v.2. t. 2.
- FOURNEL, V. *D'Alexandrie au Caire*. Tours: Alfred Mme et fils, 1897.
- GIFFARD, P. *Les Français en Égypte*. Paris: Victor Havard, 1883.
- GOBINEAU, J. A. de. *Trois ans en Asie* (1855-1858). Paris: A. M. Métailié, 1980.
- HENTSCH, T. *L'Orient imaginaire*. La vision politique occidentale de l'Est méditerranée. Paris: Les Éditions du Minuit, 1988.
- ILBERT, R. Alexandrie, cosmopolite? In: DUMONT, Paul et GEORGEON, François. *Villes ottomanes à la fin de l'empire*. Paris: L'Harmattan, 1992. p.171-185.
- NERVAL, G. de. *Voyage en Orient*. Préface d'André Miguel. Texte établi et annoté par Jean Guillaume et Claude Pichois et présenté par Claude Pichois. Paris: Gallimard, 1998.
- POMIAN, K. *L'ordre du temps*. Paris: Gallimard, 1984.
- QUEIRÓS, E. de. O Egito. Notas de viagem. In: *Obras de Eça de Queirós*. Porto: Lello & Irmão-Editores, 1979. v.3.
- SAID, E. *Orientalismo*. O Oriente como invenção do Ocidente. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- THIVEL, A. *L'Orient, tableau historique et poétique de l'Égypte*. Paris: E. Dentu, Librairie-Editeur, 1880.
- TODOROV, T. *Nous et les autres*. La réflexion française sur la diversité humaine. Paris: Seuil, 1989.

VOLNEY, C.F. (Constantin-François de Chasseboeuf). *Oeuvres complètes de C.-F. Volney*. Paris: Bossange Frères, Libraires, 1821. t.2.

Endereço para correspondências:

Vera Chacham
Rua Guarani, 426/42, 30120-040, Belo Horizonte-MG.

*(Recebido em maio de 2003 e aceito para
publicação em outubro de 2003)*